

CULTURA

Casa das Artes abre como T3 cultural

A Casa das Artes vai acolher a Camaleão, o Fila K Cineclube e a Marionet. Com o apoio da Fundação Bissaya Barreto, a partilha é a diretiva a seguir

Isabella Junqueira
Pâmela Raizia

Foi no último dia 13, com a inauguração da Casa das Artes, que se estreou um novo espaço para associações culturais em Coimbra. O número 83 da Avenida Sá da Bandeira vai ter como novos moradores a companhia Camaleão, o Fila K Cineclube e a Marionet. A iniciativa tem a Fundação Bissaya Barreto como financiadora e produtora cultural do projeto.

A Casa das Artes comporta no seu espaço uma sala "sede" para cada um dos grupos, um salão, uma sala de ensaios e de apresentações, e duas áreas externas. São espaços que vão ser aproveitados das mais variadas formas pelos respetivos integrantes. O caráter experimental vai ser a marca da casa, na qual se vão explorar, para além das possibilidades físicas, diferentes linguagens artísticas que se fundem entre os grupos.

No dia da inauguração, cartazes emoldurados de antigos trabalhos e uma exposição fotográfica dos dez anos da Marionet já compunham um cenário expositivo, assim como projeções, atrações musicais e a apresentação do espetáculo Starview, pela companhia de teatro Camaleão. Ao longo dos três anos, a Casa das Artes pretende efetuar a promoção de

workshops, exposições, apresentações artísticas e também estabelecer diálogos com os diferentes públicos que transitam pela cidade.

Partilha como fio condutor

É ter um lugar ao qual chamar de "meu" ou, neste caso, "nosso", após um longo período a fomentar a produção artística, diz a presidente e atriz da companhia Camaleão, Helena Faria. "Nunca tínhamos tido um espaço em que pudéssemos realizar o nosso trabalho", salienta. A presidente da companhia Camaleão - que nasceu em 1999 para um público alvo infantil e pretende desenvolver o seu trabalho com "mais regularidade" - enaltece o facto de o grupo estar habituado a espaços de pequeno formato, acreditando que as infraestruturas da Casa das Artes foram "criadas num modelo que agrada ao grupo".

A ideia de partilhar é o fio condutor pelo qual estão interligados os grupos. Conceção que se pode perceber com maior dimensão nas palavras de Mário Montenegro, diretor do grupo Marionet, que explicita a relação entre os grupos antes da estadia na Casa das Artes: "a verdade é que já trabalhávamos juntos". A colaboração remonta ao ano de 2001, quando foi criada a Mafia, Federação Cultural de Coimbra, com o objetivo de resolver problemas que estas associações culturais tinham em comum. Como os grupos não são financeiramente sustentados de forma regular, juntaram-se e conseguiram obter apoio para comprar equipamento para a comunidade, conta o diretor do grupo Marionet. Na federação cultural, a direção é formada por um elemento de cada

uma das associações culturais.

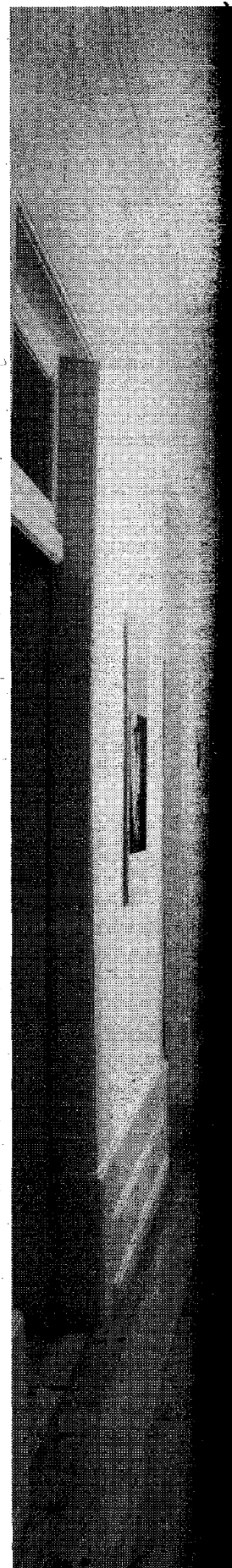
A Marionet, que associa a ciência ao teatro, pretende aumentar o seu ritmo de produção e, para Janeiro, vai já estrear um espectáculo na Casa das Artes. Ainda referente a este projecto-piloto da Fundação Bissaya Barreto, Mário Montenegro considera que as três associações são "umas felizardas cobaias".

Quanto à estadia do Fila K Cineclube na Casa das Artes, a mostra de filmes semanais não será a única atividade da associação. No novo espaço, o Fila K "procura desenvolver uma programação mais experimental e mais conceptual", menos presente na agenda fílmica no auditório do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, como afirma o presidente do Fila K, Paulo Fonseca. Esta programação pretende conectar-se a outras expressões artísticas como a música, a fotografia e as artes plásticas, de forma a proporcionar "o encontro de um outro público".

Paulo Fonseca aponta para "a diversidade de públicos em Coimbra", assim como para a própria rotatividade dos estudantes na cidade, como uma forma de os projetos experimentais alcançarem novas audiências.

Após o término do contrato de três anos com a Fundação Bissaya Barreto ainda não se sabe o que vai acontecer. Este projeto pode estar cheio de momentos que determinem a sua continuidade, mas os grupos demonstram estar muito mais preocupados com o presente, o momento de realização no "agora".

A noite de 13 de novembro marcou apenas o começo: subir as escadas vermelhas e brindar a uma nova fase. Imaginar mais um ambiente em que a arte possa pulsar e borbulhar em criações.



As associações culturais